

# **Erosão da democracia brasileira e o perfil autocrata:**

Uma resenha de “Como as democracias morrem”, de Steven  
Levitsky e Daniel Ziblatt

Helder Souza da Silva

## **Obra resenhada**

Levitsky, Steven; Ziblatt, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

\* \* \*

A democracia sustenta pretensões de ser um governo do povo e para o povo, contudo, em alguns países, encontra-se em declínio como a exemplo, o Brasil de acordo com o International Institute for Democracy and Electoral Assistance, em seu relatório "The Global State Of Democracy 2021" (Estado da democracia global). O mesmo relatório traz que o declínio brasileiro começou a apresentar sinais de desgaste durante as manifestações em prol da operação Lava Jato em junho de 2013 e entrou em queda em 2016, ano do impeachment de Dilma Rousseff. O relatório afirma que a deterioração dos indicadores “acelerou” com a posse de Jair Bolsonaro em 2019. E, assumindo todos os riscos de uma afirmativa precipitada – diria que dificilmente exista uma obra tão atualizada para o cenário em que vivemos do que *Como as democracias morrem*, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt.

O livro é composto por nove capítulos, 272 páginas e uma introdução intimamente relacionada, os autores compartilham apresentações de suas teses, ilustradas com exemplos de todo o mundo e em diferentes épocas, e depois as aplicam em capítulos ao contexto da história dos Estados Unidos da América (EUA). Assim, após resumir o argumento do livro na introdução, Levitsky e Ziblatt descrevem no capítulo um o processo pelo qual outsiders autoritários chegaram ao poder em aliança com elites políticas que se sentiam exploradas por eles, e se veem engolidos.

No capítulo dois, eles se concentram em eventos semelhantes na história política americana, em que esses outsiders se viram excluídos da presidência pelo que consideravam cães de guarda e elites do Partido Democrata. E no capítulo três, eles analisam as mudanças na constituição do partido do país que poderiam facilitar a passagem desses líderes, a operação Trump é o ápice.

No entanto, nos capítulos quatro e cinco, eles retornam à ideia mais geral da morte da democracia, e é no capítulo quatro que eles descrevem em detalhes os processos internos pelos quais autocratas eleitos gradualmente tomam o poder por meio da coordenação de agências de controle e opressão. E no quinto capítulo eles desenvolvem a sua tese principal.

Nos três capítulos seguintes, os autores voltam suas atenções para a discussão sobre os EUA, onde no capítulo seis, descrevem a origem e o desenvolvimento da ferrovia americana, e os momentos em que ela foi ameaçada ou mesmo entrou em colapso, assim como, seu processo de reconstrução após o fim da guerra.

O livro é concluído no capítulo 9, intitulado "Salvando a Democracia", no qual começam reconhecendo novamente que o excepcionalismo democrático nos Estados Unidos tem suas raízes na exclusão racial, e que as tentativas de superá-lo no século XX levam à polarização e proteção da investida da esquerda que ameaçam até hoje a democracia do país. Cabe ressaltar, que apesar dos autores escreverem a partir de um contexto político democrático norte-americano, as conclusões nos servem perfeitamente nas análises democráticas brasileiras vivenciadas e, sendo mais enfático, sentidas nesses últimos 4 (quatro) anos. Os estudiosos começam a fazer a seguinte pergunta: A democracia norte-americana está em perigo? Em nosso contexto, pergunto-me – a democracia brasileira encontra-se em erosão? Pois bem, Levitsky e Ziblatt são docentes de Ciências Políticas na Harvard University e são fascinados por pesquisas cuja temática seja sobre política no mundo contemporâneo. Dentro desse aporte temático, os autores detêm um recorte de interesses em debates sobre partidos políticos, sistemas partidários, autoritarismo e processos de democratização, buscando centralizar suas análises na América Latina.

Daniel Ziblatt pesquisa o desenvolvimento da política no Continente Europeu do século XIX aos dias atuais para compreender os processos de democratização e, além disso, a transição de partidos políticos e regimes políticos. Os autores em *Como as democracias morrem* debruçam seus saberes nos processos de ascensão de regimes autoritários, na tentativa de entender através desses dois contextos, utilizando o método comparativo, as atuais ameaças à sólida democracia dos Estados Unidos e, porque não, à brasileira?

Em tese, os autores defendem que atualmente as democracias colapsam não apenas pela via da violência, como era costumeiro ocorrer no século passado. A figura do exército direcionando canhões e armas para governos civis que se forma em nossa mente quando nos referimos a um golpe está ficando retrógrada. Paradoxalmente, hoje, mais do que nunca, “o retrocesso democrático começa nas urnas” (p. 16). São figuras autoritárias que, colocadas de forma legítimas e eleitas, aos poucos e, de maneira sórdidas, vão minando as democracias de dentro para fora, causando desordem e transtornos em suas instituições para se manterem no poder.

Aqui, não há alusão a um golpe fulminante, mas de uma corrosão, como em uma parede de concreto que vai aparecendo de forma lenta as primeiras rachaduras, legitimam essa construção, afirmando que está intacta, sem problemas, mesmo corrompidas, a normalidade soa como um caminho para seus propósitos e funcionamento.

O âmbito em que os autores escrevem é o norte-americano e, à época, o líder do país era Donald Trump que constantemente se expressava de maneira sexista, xenofóbica, defendendo movimentos supremacistas, colocando a todo momento esses discursos com ameaças aos interesses democráticos. Um cenário parecido com o nosso, posso assim dizer, mudando apenas os atores principais. No Brasil, Jair Bolsonaro (2019-2022), quase que um discípulo do até então líder Norte-Americano (Trump), pareceu trilhar os mesmos caminhos, destacando-se por seus discursos antidemocráticos.

Esses líderes autocráticos, como denominam os autores, não se preocupam em esconder em nenhum momento suas predisposições autoritárias. Fazendo uso da obra de outro cientista político, Juan Linz em “The Breaks-down of democracies”, Levitsky e Ziblatt (2018) elaboram tipos de comportamentos com os quais devemos ficar atentos: 1. Rejeição da regra do jogo democrático; 2. Negação da legitimidade dos oponentes políticos; 3. Encorajamento da violência ou tolerância em seu uso; 4. Propensões para restringir liberdades civis dos oponentes.

Na visão dos cientistas todos esses sinais supracitados, costumam se apresentar antes que os autocratas cheguem no poder. Na obra, são citados diversos casos de ascensão de autocratas para exemplificar esses pontos. Como o caso de Hitler, na Alemanha; Mussolini, na Itália; Erdogan, na Turquia; Putin, na Rússia; Chávez na Venezuela; Orbán, na Hungria; dentre outros. Compondo esse rol exemplificativo, acredito que não seria muita ousadia da minha parte, acrescentar nosso ex-presidente.

Levando em consideração essas figuras, tendo por características não se preocuparem em demonstrar suas reais intenções, o seguinte questionamento aparece: quais razões para eles conseguirem se elegerem em um regime democrático? Os cientistas políticos, argumentam que essas pessoas (autocratas) não precisam das crises para nascerem. No entanto, é em contextos de crises econômicas e políticas que ganham cada vez mais espaços. Apesar de não ser um exemplo no livro, cairia muito bem a ascensão de Jair Bolsonaro com sua candidatura para Presidente e suas ações tomadas até o fim do seu mandato. Aproveitando-se do cenário caótico que envolveu a saída da ex-presidente Dilma, sob acusações de crimes de responsabilidade fiscal, e seus discursos contra o Partido dos Trabalhadores, seu nome ganhou força para ser um líder ideal, principalmente, para os adeptos às suas ideologias.

Para Levitsky e Ziblatt (2018) as elites partidárias, visando derrotar seus oponentes, abrem mão de princípios democráticos e apoiam candidaturas de figuras autocratas. Somando-se a isso, esses partidos políticos contam com apoio de setores de todas as elites sociais, empresariais, líderes religiosos e dentre outras, compactuando com seus próprios interesses, onde acabam se mobilizando em torno do autocrata, acreditando que poderão controlá-lo. Entretanto, a história nos mostra, muito bem, que esse controle pretendido não acontece.

Chegando no poder, o autocrata passa a tomar decisões para subverter o sistema democrático e manter-se em tal posição. A derrota de Trump nas eleições deixou claro essa afirmação. Sob acusações fortes e entonação grave, sem demonstrar nenhuma prova de que as eleições norte-americanas tinham sido fraudadas em alguns Estados, incitou aos seus eleitores que invadissem a Casa Branca, em um ato de violência e vandalismo como forma de protestos aos resultados.

E, no mesmo contexto, em 08 (oito) de janeiro de 2023, por fruto de alegações idênticas realizadas por Jair Bolsonaro e sua família acerca do sistema eleitoral brasileiro e em torno das urnas eletrônicas, que em sua visão, foram fraudadas nas eleições de 2022, ocorreram atos criminosos que feriram a democracia. Manifestantes antidemocráticos invadiram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF) para protestar contra a eleição do presidente Lula. Onde, durante o ato, foram destruídos artefatos históricos e com um valor imensurável para o nosso país.

Porém, esse mesmo sistema é elogiado pelo mundo, seguido como exemplo a ser copiado. Esse tipo de comportamento enquadra-se ao primeiro elencado pelos autores “rejeição da regra do jogo democrático”. E é em meio aos discursos autoritários, que o desrespeito impera como regra. Há uma autoproclamação de governança e desenvolvimento duvidosa, para não dizer surreal. Foi na morte de milhares de brasileiros na pandemia da Covid-19, que a vestimenta de “bom pastor” caiu, e o até então presidente se mostrou como um verdadeiro lobo faminto e feroz. Na catástrofe de vidas, decisões imperialistas colocaram a sociedade brasileira como alvo de seu líder.

Negações a ciência, tanto no quesito de aceitar as vacinas para o combate a pandemia, quanto aos cortes de valores investidos na educação; não cumprimento às ordens judiciais; declarações homofóbicas; fazendo um circo em suas entrevistas, um “bobo da corte” na tratativa sem decoro com a imprensa; dentre tantas outras atrocidades. Os anti-democráticos se utilizam das instituições democráticas para corroê-la.

Nessa vertente, Jair Bolsonaro não supera o passado e o presente do atual Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. A todo tempo nega a legitimidade do seu oponente,

mesmo quando esteve preso, dizia que o então candidato Fernando Haddad era apenas um fantoche nas mãos de Lula. Após a liberdade da prisão, os ataques continuaram dizendo que existem provas para os crimes supostamente cometidos quando Lula foi presidente no passado. Comportamentos estes, que estão ligados ao segundo tipo prescrito por Levitsky e Ziblatt. Acredito também que o terceiro tipo, é onde mais se enquadra Jair Bolsonaro, no “encorajamento da violência ou tolerância ao seu uso”.

Se auto denominando capitão, o ex-presidente oportunizou uma flexibilização ao Estatuto do Desarmamento no país através de decretos, pois ele mesmo prega que o cidadão deve andar armado para sua proteção, contrariando os índices de assassinatos por armas de fogo elevados, bem como, o tráfico dessas armas. Seus gestos com as mãos fazendo uma arma mostram o governo da morte e, não da democracia. Sem falar, na menção honrosa que o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, recebeu do Presidente, não é tarde para lembrar, que esse militar foi condenado pelas práticas de torturas na época da ditadura militar no Brasil.

O último comportamento de seu mandato foram as pretensões de restrições civis dos oponentes, onde posso relatar o seu desejo de que as forças armadas brasileiras tomassem o poder. Suas ameaças sempre foram são enérgicas, quanto aos outros poderes continuarem brincando, em sua visão, com segmentos que estão prejudicando o andamento do país. Portanto, a democracia no Brasil respira por aparelhos, destrozada, visíveis são suas rupturas e erosões, mas que tenhamos esperança de belos dias para a democracia. Sim, a democracia sonha com dias melhores, pois no exato momento, respira por aparelhos.

Sua deturpação com um princípio basilar da nação brasileira – democracia - a todo momento é colocada em xeque pelo ex-chefe do Poder Executivo. O que deveria ser um símbolo ao princípio dos Freios e Contrapesos, que rege que o sistema em que os Poderes do Estado mutuamente se controlam, toma para si o comando de um Poder de maneira hostil. Transformou-se em um “sujeito” ameaçador, para não dizer outra palavra fora do decoro, intimidando os Ministros do Supremo Tribunal Federal, desejando cancelar as eleições, trazendo uma violação escancarada ao direito que a sociedade possui em eleger seus representantes, bem como a liberdade de expressão.

Vale a pena lembrar, que o ex-presidente sempre reagiu fora dos parâmetros constitucionais. Um exemplo disso, quando pediu o impeachment do Ministro Alexandre de Moraes, sem qualquer fundamento, apenas por não o simpatizar. Desde que a democracia foi restaurada em 1985, nunca houve pedido de impeachment feito pelo Presidente para destituir um Ministro da Corte Suprema, sendo tal requerimento rejeitado pelo Senado Federal. Em várias das suas declarações, se auto vincula “defensor” da democracia. Tenho minhas dúvidas, se ele entende realmente o que é uma democracia.

Com sua publicação em janeiro de 2018, encontra-se mais contemporânea do que nunca. A obra logo apareceu na lista dos mais vendidos, segundo New York Times. O livro mostra que a aflição dos autores na morte das democracias, também é um clamor das sociedades. No Brasil, a obra chegou meses depois, em agosto, quando nossa democracia iniciou a vivência do seu declive, como estava ocorrendo nos Estados Unidos. Por isso tudo descrito, o leitor brasileiro vai notar, uma familiaridade assustadora com *Como as democracias morrem*. Entretanto, os autores são contundentes que para sair de uma crise democrática é mais democracia, de modo, a evitar que o autoritarismo chegue ao poder.